

“TERRA A VISTA! ESTAMOS DESVIANDO AS ROTAS!”**"Earth in sight! We are diverting routes! "****"Miren la tierra! Estamos desviando las rutas! "****Ricardo Lopes Correia**

Docente do Departamento de Terapia
Ocupacional da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal do Rio de Janeiro -
UFRJ

ricardo.lopes@medicina.ufrj.br

Beatriz Akemi Takeiti

Docente do Departamento de Terapia
Ocupacional da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal do Rio de Janeiro -
UFRJ

biatakeiti@gmail.com

A REVISBRATO dá continuidade ao seu ciclo de produção científica apresentando este segundo número em 2017. Sabemos que são muitos os desafios para a manutenção da periodicidade de uma revista, mas não nos tem faltado esforços, através de uma rede colaborativa entre o corpo editorial nacional e internacional, as/os avaliadores e associações de terapeutas ocupacionais para levar a REVISBRATO aos patamares dos principais periódicos em Terapia Ocupacional no país.

Palavras-chaves: Ciência; Terapia ocupacional.

Quando nossos colonizadores portugueses e espanhóis chegaram aqui, no começo do século XVI, suas rotas bem elaboradas instituíram, talvez, a maior forma de violência: destituíram os saberes locais, fizeram com que os nativos acreditassem que suas existências eram tão indignas e que, portanto, mereciam ser salvos pelas cosmologias e epistemologias dominantes.

Aprendemos, parafraseando a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adchie, a reproduzir o perigo de uma história única: os colonizados da Nova América poderiam se encontrar em terreno fértil para a civilização.

O que Adchie quer nos dizer com isso? Talvez, nos alertar para os riscos de escrever uma história única que se estabelece numa relação de poder, de dominação sob a perspectiva de uma única rota. Isto institui o modo como tomamos consciência sobre nós mesmos e como desvalidamos nossos saberes originários, os saberes dos outros. Com isso, experimentamos uma crise coletiva, silenciada, a perda das memórias sociais e do curso da diversidade de nossas identidades.

E é exatamente nas memórias da Terapia Ocupacional que gostaríamos de nos inclinar. O ano de 2017 marca o centenário da profissão. Temos que comemorar? Talvez... Talvez seja um momento oportuno para resgatarmos seus elementos fundacionais e fugir da

história única: estamos dispostos a desviar as rotas colonizadoras, sem perdê-las de vista, uma vez que já fomos avistados-aviltados.

Ao atentarmos para a chamada do centenário da Terapia Ocupacional - “*The 100 influential people: In honor of the Centennial, learn about 100 people who influenced occupational therapy’s 100 year history*” (“As 100 pessoas influentes: em homenagem ao centenário, conheça as 100 pessoas que influenciaram a Terapia Ocupacional em seus 100 anos de história” – tradução nossa) - promovida pela Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA), há subentendido aqueles e aquelas que influenciaram “mundialmente”(?) a Terapia Ocupacional. Quem “puxa a história”?

Neste centenário, seja na AOTA ou em outras entidades representativas, perceberemos também que não houve menção a qualquer profissional latino-americano/a, africano entre outros. Será que nossos “atores e atrizes” da Terapia Ocupacional não influenciaram a Terapia Ocupacional no “mundo”? Em especial, nestes quase 50 últimos anos, de avanço exponencial da Terapia Ocupacional?

Mas, afinal, de que mundo estamos falando? O velho ou novo mundo? Como nos ensinaram o antes e o depois da civilização? Que civilização é essa? Desviamos a linguagem dominante, que hoje é tão forte no universo científico, e que produz, sem sombra de dúvidas, o nosso saber sobre a Terapia Ocupacional? Não somos acreditados?

Nos países da América do Sul e América Central, a Terapia Ocupacional nasce em meio a ditadura militar e dos interesses políticos de seus governos. Aprendeu-se a fazer escolhas entre bens públicos e privados e a privilegiar aquilo que melhor dialogava com nossos “intercessores” nórdicos, desde os caminhos da profissão, como nossos modelos de educação, de cidadania, de produção econômica, de trabalho, e até de nossas inteligências.

Assegurando a não reprodutibilidade dos eixos colonizadores culturais e epistemológicos, enquanto metáforas dos saberes do Norte, é urgente nosso posicionamento central sobre novas composições e leituras epistemológicas do Sul, nos preocupando menos com os excessos colonizadores e colocando em evidência nossas articulações sobre aquilo que estamos produzindo, como formas de olhar criticamente sobre nós mesmos.

Para deixarmos de ser colonizados, uma pista talvez seja a de relativizar os modos como contamos a nossa história única, nossos antecedentes, nosso objeto e nossos processos particulares e colocar em curso crítico aquilo que postulamos enquanto identidade plural e exógena.

Gostaríamos ainda de acrescentar, a exemplo de outros países do norte como EUA, Canadá e Inglaterra, a importância de repensarmos a eterna dicotomia teoria e prática, que

distancia, em particular, os profissionais da assistência do universo científico. De que maneira os/as profissionais terapeutas ocupacionais produzem e consomem pesquisas na área? Serão os profissionais da assistência os eternos colonizados pelos saberes acadêmicos? O que acontece no “entre” das relações entre academia e assistência?

Este editorial não pretende ser uma carta de rebeldia, mas deseja colocar em urgência a relativização e análise crítica sobre os mecanismos que fundaram e que colocam em curso a Terapia Ocupacional sobre as intersecções que a constitui nos diferentes cenários socioculturais e no momento exato em que conclama sua legitimidade e institucionalização.

A REVISBRATO nasce e tenta sobreviver em meio às tensões deste tecido! Atentos a tais questões e a tantas outras, somada ao histórico de publicações na área de Terapia Ocupacional (brasileira) latino-americana, visualizamos possibilidades e metas de nosso trabalho ao se “inventar” outros modos de produzir cientificamente.

Com isso, a REVISBRATO também cumpre o seu papel convidando as leitoras e leitores, autoras e autores para celebrar juntos mais este número, acreditando que a Terapia Ocupacional que se faz no diálogo inter-regional e “entrepistêmico” busca a não homogeneidade de um pensamento, de um modelo, mas aposta na multiplicidade da produção deste conhecimento.

Às autoras e autores, de cada canto do país, gostaríamos de compartilhar a imensa alegria de poder proporcionar visibilidade às suas pesquisas e práticas realizadas, sistematizadas aqui no formato de artigos científicos. Às leitoras e leitores, o nosso convite: democratizar o diálogo em Terapia Ocupacional e suas interfaces disciplinares, culturais e regionais.

Afirmamos, desta forma, nosso compromisso em ampliar e fortalecer a área de conhecimento em Terapia Ocupacional junto à toda a categoria, colocando sempre a crítica de nossas bases e movimentos fundacionais, e as questões que nos tocam enquanto profissionais latino-americanos. Esperamos, também, que nossas ações sejam desdobramentos de nossa memória para colocar em curso a crítica e apropriação de nossas identidades.

Assim, avistamos novas terras e sugerimos alguns desvios de rotas, propositalmente enunciadas em nossa política editorial, convocando toda a categoria à um levante de novas capitâneas sobre aquilo que produzimos sobre nós mesmos.

Referências:

1. ADICHIE, CN. **O perigo de uma história única**. TED: ideas worth spreading.
Acesso em:
https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br